

Ação Direta

Veículo de agitação e propaganda anarquista do Coletivo Difusão Libertária

Ano 1 nº1 - Recife, Abr-Mai/2016



O medo...

Ele pode ser algo bom, desde que não nos paralise. Desde que sirva de termômetro e nos ajude a desenvolver ações e meios de enfrentá-lo. Não há vergonha em sentir-se com medo diante de uma situação ameaçadora como a que se apresenta, atualmente, no cenário brasileiro. Ameaças racistas, homofóbicas, de gênero; ameaça ao trabalho, à educação, à moradia, ao transporte, à liberdade. Ameaça originada no capital financeiro, no agronegócio, na indústria, na bolsa de valores, no comércio; no pai, no filho e no espírito santo; executadas por prefeitos, vereadores, deputados, senadores, juízes, governadores e, sim, por presidentes. Estranho seria não sentir medo diante de tamanho risco. Mas, pensando bem, não foi sempre isto que esteve em jogo: a vida do povo? A nossa vida? Defendê-la tem sido o único meio de mantê-la. Nem sempre nas melhores condições, mas sempre buscando condições melhores.

O que nos faz pensar que antes não estávamos sob estas mesmas ameaças? O que teria paralisado a intensidade das ações diante de um governo? O que teria resultado nesta guarda baixa diante dxs de cima? Talvez, pensarmos sobre tais questões nos ajude a olhar o medo por outra perspectiva. Para nós, anarquistas, ficar Dilma ou sair Dilma, em nada afeta a nossa coragem. Em nada paralisa ou mina o nosso trabalho, nossa convicção. As ameaças sempre estiveram lá e ainda estarão.

A anarquista Emma Goldman nos ensinou, dentre tantas outras coisas, que o elemento norteador da humanidade resulta de um conflito dos seres humanos contra obstáculos construídos por nós mesmos e que,

por sua vez, paralisam o nosso próprio desenvolvimento. O parlamento e a crença nele ou, como ela chamaria, o culto ao Estado, talvez seja a grande fonte do medo que toma de assalto algumas pessoas e movimentos sociais que dedicaram sua luta e sua vida por esta via. Ou ainda, àqueles que não acreditam totalmente nesta via, mas a veem como indispensável. E ainda, alguns e algumas que não acreditando nem um pouco nesta via, por força do medo das ameaças já mencionadas e de tantas outras, se apegam a ela neste momento turbulento da política parlamentar brasileira.

a construção...

A também anarquista Luce Fabbrì, nos ensina que os nossos esforços, apesar de possuírem um objetivo prático, demandam muita solidariedade e não devem se preocupar em tomar o poder do Estado. Ao contrário, deve se preocupar com a “criação de muitas coisas e com a destruição de outras tantas, dos mais variados aspectos, materiais e espirituais, da vida”. Ela nos ajuda a entender porque não devemos sentir medo ao vermos as instâncias do poder estatal se arruinando. Errico Malatesta, anarquista, também nos ensina que as necessidades materiais devem estar aliadas às necessidades ideais e que submetermos umas às outras pode nos conduzir por erros irremediáveis na construção de nossa liberdade.

Não há como humanizar o capitalismo, não há como humanizar as formas de poder do Estado, mas se o medo consegue nos paralisar, este pode parecer o caminho mais simples e pragmático pelo qual percorrer no atual momento. O problema é que, ao seguirmos por este caminho, estaremos apenas dizendo que preferimos o

menos pior. É uma ilusão. E isto não nos basta.

As conquistas por melhores condições de trabalhos, melhores salários, por uma educação pública e gratuita, pela vida das mulheres, dxs homossexuais, transexuais, travestis, da juventude negra, pobre e periférica, dos povos nativos, por moradia, por terra, por saúde pública... são indispensáveis e deveremos defendê-las e arrancar tantas outras quantas forem necessárias ao nosso fortalecimento e o de nossas batalhas, mas isto não é possível se abrimos mão da luta com xs de baixo em favor de um governo. A direita fascista, machista, homofóbica, falso-cristã, branca e heterossexual sempre nos golpeou, e a esquerda reformista continuou nos golpeando. O caminho em construção está mais a baixo, mais à esquerda e diz respeito a construção de uma outra ordem social.

e a Luta!

A história nos ensina, com inúmeros exemplos, que a luta rompe o medo. Seja ela por pequenas reformas ou por grandes revoluções. Mulheres, homossexuais, transexuais, povos nativos, o povo negro, a trabalhadora e o trabalhador, do campo e da cidade, pobres e periféricos, estudantes... todos tem se educado mutuamente nas e pelas lutas. Desde sempre ela tem sido a nossa arma e há de continuar sendo. Não existe outra saída! Estamos e estaremos ao lado do povo, sem confundir meios com fins, nem sobrepondo estes últimos aos primeiros; sem confundir esperança com voto, nem medo com desespero. Sem paralisar nem hoje nem amanhã, diante de nenhum Estado e independente de quem esteja no governo. ✱

Sem solidariedade não haverá nada para ninguém!



Tornou-se lugar comum afirmar que o capitalismo em poucos séculos de existência conseguiu colocar em xeque a própria permanência da humanidade na terra. Desde que se impôs ao mundo como modelo, este modo de produção gerou um conjunto de valores e dinâmicas sociais altamente danosas a quaisquer formas de vida. Assim, o futuro apresenta-se bastante macabro, diante, por exemplo, dos rumos da agricultura industrial que instituiu em larga escala e progressivamente a exploração predatória dos recursos naturais.

A variedade de alimentos foi reduzida assustadoramente e a qualidade do que ingerimos segue de modo criminoso a lógica de que “o veneno tá na mesa”. Pesquisas recentes indicam que cada brasileiro consome por ano cerca de 7 litros de agrotóxicos (número que já deve ter aumentado). Isto só consegue se estabelecer em um contexto que Vandana Shiva aborda como o “monocultivo da mente”, retroalimentando a devastação ambiental para esferas cada vez mais amplas.

Vários enfrentamentos vem sendo desenvolvidos, mas ainda desproporcionais à força desta máquina de morte. Agroecologia e agricultura urbana são alguns exemplos importantes desta luta, que precisa ser fortalecida em várias frentes até, finalmente, se faça vitoriosa; caso contrário, não sobrá nada para nada. Os conceitos não podem aprisionar a realidade. Precisamos reformulá-los sempre na medida em que transformamos nosso meio.

Sem dúvida, são muito salutares os caminhos que constroem a

autonomia das pessoas e grupos sociais rumo à autossuficiência que não quer dizer isolamento, mas solidariedade e apoio mútuo em constante aperfeiçoamento. Reaprender é uma de nossas principais tarefas neste enorme desafio. Isto passa por estabelecer relação diferente com o tempo em vários aspectos, inclusive: deixar de, exclusivamente, vender sua força de trabalho pra desenvolver processo criador e de amplo cultivo das condições de existência. Deixar de ser apenas consumidor/a, que é consumido, se coisifica.

A economia solidária apresentou-se como um dos possíveis meios neste processo. Mas sendo entendida não apenas como relação comercial, e sim como vida solidária, dadas suas bases socialistas libertárias, a exemplo da autonomia, ação direta, autogestão e internacionalismo. Muito além de conceitos, são pilares estruturantes de formas de vida desajustadas ao atual modelo neoliberal de sobrevivência. O problema é que a economia solidária tem sido capturada pelo poder instituído: institucionalização e burocratização tem sido sua tônica, seja pelas ONGs, governos, bancos, parcerias público-privadas de diversas ordens.

A permacultura que, teoricamente, se apresenta como sistematização de saberes tradicionais repassados gratuita e solidariamente de geração a geração em diálogo com as novidades científicas, parece que também tem sido

mercantilizada. Basta ver o que podemos chamar de elitização: preços e perfis sociais rompem com esta ancestralidade de comunhão. Mesmo quando se fala em cursos populares de permacultura, já são valores altos, a considerar a média baixa de renda da população, sobretudo as herdeiras destes povos antigos e hoje cada vez mais marginalizados.

Daí que também precisemos superar a dicotomia campo-cidade, bem como a subordinação do campo à cidade, indo muito além da justa palavra de ordem do movimento camponês: “se o campo não planta, a cidade não janta”. A decadente lógica urbana que se espalha feito uma peste precisa ser substituída por lugares sustentáveis e realmente habitáveis, o que nos leva a trazer para o centro da reflexão a dimensão política das técnicas e tecnologias. A serviço de que e de quem estão?

Por estas convicções, temos participado na construção da Feira Agroecológica Espaços Verdes (www.facebook.com/feiraespacosverdes). Uma iniciativa coletiva através da qual busca-se cultivar meios de transição para outra tendência social que permita a vida continuar seu belo e misterioso espetáculo, no qual o papel da humanidade deve ser o de colaborar com trabalho produtivo, social, educativo, nas mais diversas dimensões. ✨